

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2022

Vol 3

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 3

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
 Ilvanete dos Santos de Souza
 Ismael Santos Lira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 3 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ilvanete dos Santos de Souza, Ismael Santos Lira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0712-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.126222511>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). III. Lira, Ismael Santos (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Temos alguns pilares que inspiram a organização deste livro: o reconhecimento da educação enquanto fenômeno social, as perspectivas que permeiam o processo educacional, harmonizando com o reconhecimento de tendências que forjam a educação como um campo de pesquisa multidisciplinar em contínua e necessária evolução.

Pensarmos a educação enquanto fenômeno social nos conduz a considerar como não triviais o contexto cultural e tudo que dele decorre: os hábitos compartilhados socialmente, os valores morais que identificam uma coletividade específica, as crenças que a mantém coesa. Durkheim (1985), já no início da constituição da Sociologia como disciplina acadêmica, chamava atenção para o fato social como aquilo que perpassa pelos modos de pensar, agir e sentir; que reverberam sobre os indivíduos, exercendo uma “força” sobre as adaptações as regras socialmente estabelecidas. A educação, por exemplo, é um fato social, pois durante todo esse processo os indivíduos vão se desenvolvendo enquanto sujeitos e preparando-se para a vida em sociedade.

Nesse novo século, temos como tendências (não apenas essas), para as práticas pedagógicas, o uso cada vez mais acentuado das tecnologias digitais da comunicação e informação, como a cultura maker, a gamificação e a realidade virtual, destaque para atividades escolares que busquem, de fato, o protagonismo dos estudantes como, por exemplo, a aprendizagem baseada em problemas. Essas tendências estão sendo implementadas, mesmo que timidamente, em algumas instituições de educação ao redor do mundo.

Nesse cenário, viu-se ainda com mais clareza a necessidade de rever o processo formativo dos professores a fim de atender as demandas curriculares e pedagógicas. Cabe aqui localizar o leitor quanto ao contexto social em que os estudos, aqui apresentados, foram gestados. Trata-se de um período pós-pandêmico em que ainda buscamos adaptações para uma nova realidade decorrente de um fenômeno que acentuou ainda mais as desigualdades sociais tais como o acesso à tecnologia e infraestrutura precária das escolas.

As reflexões tecidas nesta obra, intitulada: “**A Educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências**” trazem algumas discussões cujo foco problematiza a educação em diferentes contextos, inclusive o pandêmico, a Educação Matemática Inclusiva, a formação de professores, entre outros.

Dessa forma, convidamos os interessados nos diferentes fenômenos que compõem a educação enquanto prática social enriquecida pelos múltiplos contextos no qual se desenvolve, a refletir à luz desta obra, suas perspectivas e tendências. Esperamos ainda, que ao explorar esse volume, os estudos nele contido possam promover outras investigações e compartilhamentos sobre as

nuances que compõe a educação. Esperamos ter aguçado sua curiosidade sobre as temáticas aqui apresentadas. Portanto, vamos começar?


Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Ismael Santos Lira

CAPÍTULO 1 1

JUVENTUDE E DEMOCRACIA: A RELEVÂNCIA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA PARTICIPAÇÃO ESCOLAR

Marina Barreto Pirani

Guilherme Eduardo Lucas Knappe


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225111>

CAPÍTULO 2 15

INTERAÇÕES LÚDICAS ENTRE BEBÊS E LIVROS INFANTIS: REFLEXÕES E DESAFIOS AOS(AS) PROFESSORES(AS)

Fernanda Gonçalves

Lidnei Ventura


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225112>

CAPÍTULO 324

INTERGERACIONALIDADE: RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS E PESSOAS IDOSAS POR MEIO DE ATIVIDADES FÍSICAS PARA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA

Liliane Cristina Dias

Lucia Ceccato de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225113>


CAPÍTULO 437

LA NATURALEZA DE LA CIENCIA Y TECNOLOGÍA (NDCYT) EN LA MOVILIZACIÓN DE CONCEPCIONES DOCENTES: PROCESOS METACOGNITIVOS, TENSIONES E INCIDENCIAS TEMÁTICAS EN UN PROCESO DE FORMACIÓN CONTINUA DEL PROFESORADO DE QUÍMICA

Zenahir Siso-Pavón

Iván Sánchez-Soto

Luigi Cuéllar-Fernández

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225114>


CAPÍTULO 545

MOVIMENTAÇÃO OLÍMPICA: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR E INOVADORA

Ana Rita de Almeida Neves

Antonio Jorge Sena dos Anjos

Kenya Costa Pinto dos Anjos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225115>

CAPÍTULO 652

NARRATIVAS DIGITAIS: UTILIZANDO METODOLOGIAS ATIVAS E APRENDIZAGEM CRIATIVA NO ENSINO DE PORTUGUÊS E LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO PARA O ENSINO TÉCNICO SUPERIOR

Tânia Regina Exposito Ferreira


Sirley Ambrosia Vitorio Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225116>

CAPÍTULO 764

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERVENÇÕES, SENTIDOS E PRÁTICAS


Andrea Rodrigues Dalcin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225117>

CAPÍTULO 872

NEOLIBERALISMO INDUSTRIAL, BUROCRACIA E CORRUPÇÃO – QUE INFLUÊNCIAS PARA A QUALIDADE DE EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE?

Evildo França Francisco Celestino Semo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225118>

CAPÍTULO 983

O CURRÍCULO COMO UM DISPOSITIVO DE REGULAÇÃO A PARTIR DO TRABALHO DOCENTE

Grazielle Jenske

Luciana Fiamoncini Frainer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1262225119>

CAPÍTULO 10.....94

INTERDISCIPLINARIDADE: INSTRUMENTO PEDAGÓGICO VIABILIZADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ACADÊMICA

Francisco Davi Nascimento Oliveira

Lucelia Keila Bitencourt Gomes


Renata Rezende Pinheiro Castro

João de Deus Carvalho Filho

Luciano do Nascimento Ferreira

Andreza Silva Gomes

Dayane Reis Barros de Araújo Lima


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251110>

CAPÍTULO 11 102

O DESEJO DE APRENDER E O PROCESSO CRIATIVO-PENSANTE

Willian Machado Brasil

Cláudia Moscarelli Corral

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251111>


CAPÍTULO 12.....121

O ENSINO DE FILOSOFIA NA REFORMA CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DO PARÁ

Brenda Letícia de Souza Silva

Luiz Miguel Galvão Queiroz

Paulo Sérgio de Almeida Corrêa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251112>

CAPÍTULO 13..... 145

METODOLOGÍA DE CONSENSO DE LAS FUERZAS VIVAS DEL TERRITORIO PARA LA MEJORA DE LA EDUCACIÓN EN REPÚBLICA DOMINICANA

Raykenler Yzquierdo Herrera

Cristina Molina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251113>

CAPÍTULO 14..... 158

O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA


Eliane Araujo Grippa

Adriele Soares

Maria Gabriela do Carmo Sobrosa

Claudiani Peçanha Silva


Carla Corrêa Pacheco Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251114>

CAPÍTULO 15..... 169

LAS COMPETENCIAS INFORMACIONALES DE LOS DOCENTES EN LOS MICROPROCESOS DE LA COMPRENSIÓN LECTORA EN LÍNEA

Silvia Verónica Valdivia Yábar


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251115>

CAPÍTULO 16..... 182

O TRABALHO COM O SOROBAN NA INCLUSÃO DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS NAS AULAS DE MATEMÁTICA

Silvânia Cordeiro de Oliveira

Eliane Sheid Gazire


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251116>

CAPÍTULO 17..... 194

O USO DO *INSTAGRAM* COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO DO PERFIL @BIBLIOCIENTIFICA

Maria do Socorro Corrêa da Cruz

Nathalia Regina Rodrigues


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251117>





CAPÍTULO 18..... 204

O USO DO WHATSAPP COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Vivianne Souza de Oliveira Nascimento

Ailton Gonçalves Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251118>

CAPÍTULO 19.....	216
MARIA MARTINS: APROXIMAÇÕES AO SURREALISMO Wellington Cesário  https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251119	
CAPÍTULO 20	224
O ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DE ATIVIDADES PRÁTICAS: UMA EXPERIÊNCIA PARA O TEMA FAUNA NATIVA Debora Michelli Seibel Everton Herzer Rossoni Izabela Carolina de Souza-Franco Franciele Carla Soares Felipe Beijamini Gilza Maria de Souza-Franco Alexandre Carvalho de Moura Izabel Aparecida Soares  https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251120	
CAPÍTULO 21.....	233
O BRINCAR COMO INSTRUMENTO DA ENGENHAGEM NO DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR INFANTIL Silvania Moura da Silva Euclides Maurício Trindade Filho Antonio Alberto Monteiro de Souza Betijane Soares de Barros Izabelle Wanessa Campos Galindo  https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251121	
CAPÍTULO 22	245
MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM ENSINO APRENDIZAGEM Ingrid Aparecida Siqueira Crispim Celso Peixoto Cotta  https://doi.org/10.22533/at.ed.12622251122	
SOBRE OS ORGANIZADORES	263
ÍNDICE REMISSIVO	265

O DESEJO DE APRENDER E O PROCESSO CRIATIVO-PENSANTE

Data de aceite: 01/11/2022

Willian Machado Brasil

Prof. Graduando em Pedagogia
Licenciatura pela UERGS

Cláudia Moscarelli Corral

Prof.^a. Orientadora – Psicóloga,
Psicopedagoga (Argentina), Mestre
e Especialista em Saúde Pública
(Argentina), Especialista em Metodologia
do Ensino Superior e em Saúde Mental
Coletiva. Docente Assistente da UERGS/
Bagé

Artigo Científico apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, Curso de Pedagogia Licenciatura, UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

RESUMO: No presente artigo tem por objetivo geral apresentar o papel do professor como mediador no processo criativo-pensante, e em específico averiguar os elementos presentes no vínculo aprendiz e ensinante; as atribuições e iniciativas que a equipe de gestão deve ter para orientar, acompanhar e motivar seus professores e alunos em aprenderem e ensinarem; a necessidade de momentos

para refletir a prática docente para rever o planejamento e a metodologia de ensino, ou seja, caracterizar o processo de ensino aprendizagem e suas vicissitudes. Apresento uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo descritivo-exploratório, realizada em uma escola particular, da cidade de Bagé-RS. Foram analisados alunos de 5º (quinto) ano do Ensino Fundamental, a professora da turma, e a gestora da escola. Descrevo no decorrer do artigo os métodos, as dificuldades e as iniciativas utilizadas, com relação à ausência ou presença do desejo de aprender nos alunos. Com isso, foi obtido uma visão geral da realidade de uma escola em sua rotina diária, na qual identifiquei que a relação do desejo de aprender com o processo criativo-pensante torna-se fundamental para a construção da aprendizagem. Com base nas opiniões e interesses dos alunos em estudo, o jogo, ou seja, o brincar é um modo pelo qual os professores podem fazê-los desejar aprender. Esta pesquisa me fez compreender que é necessário cada aluno ser sujeito do seu próprio aprendizado; assim como, o desejo que ao estar inibido ou instigado interfere nas atitudes e na construção da aprendizagem, que depende dele para acontecer.

1 | INTRODUÇÃO

Ser professor é uma tarefa que exige muito comprometimento e motivação para aprender a cada dia coisas novas, revendo os conceitos da prática com a teoria para aprimorar a metodologia de ensino (FREIRE, 1996). Com tanta tecnologia em nosso meio, muitos alunos não enxergam nenhum atrativo na escola, ficando muitas vezes dispersos para o ensino, não demonstrando desejo em aprender o que o professor está ensinando. Sendo preciso utilizar essas tecnologias a favor da educação como recurso pedagógico, sempre inovando e se atualizando.

Minha experiência como professor teve início com uma turma em que muitos alunos não tinham iniciativa nem motivação para aprender. Neste total desinteresse pelo ensino fui buscar referências para meus questionamentos cotidianos. Os discentes eram da periferia da cidade de Bagé-RS, de uma escola municipal. Havia assumido esta turma três meses depois do começo das aulas, sendo um dos fatores que acredito ter influenciado a falta de motivação. Primeiramente não sabia o que fazer, pensei inclusive em desistir da turma e sair da escola. Mas mudei de ideia, pois havia me formado professor no Curso Normal há pouco tempo e esta foi a profissão que sempre desejei. Sendo assim, resolvi ir atrás de mudança, pois estava iniciando o Curso de Pedagogia Licenciatura e começava a refletir muito sobre a teoria e a prática docente. O mundo acadêmico me possibilitou ler diversos livros, além de conversar com colegas e professores mais experientes da área a respeito de minhas dúvidas e inquietações. Primeiramente fiz uso de dinâmicas de grupo para poder conhecer os alunos e eles me conhecerem melhor. Com base nas observações de seus interesses, melhorei minha metodologia, criei novas atividades e passei a usar mais o material lúdico e prático em sala de aula, para interagirem entre eles e os conteúdos, pois os mesmos não estavam acostumados a vivenciá-los. Com total apoio do grupo gestor da escola, foi dado início a um projeto que objetivava motivar e valorizar o esforço e as atitudes dos alunos em aula. A atividade desencadeadora foi o filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate (2005)”. Com base no filme iniciou-se o projeto, que teve por objetivo trabalhar a importância de nossa motivação e persistência para alcançar o que queremos, mostrando que todos possuímos capacidade de conseguir o que desejamos. Cada dia os alunos se auto avaliavam referente às suas atitudes e participação nas atividades desenvolvidas em aula, ganhando estrelinhas cor de ouro (muito bem), prata (bem) ou bronze (preciso rever), para no final do projeto cada um ganhar o seu Bilhete Premiado. Minha supervisora apresentou o projeto na Secretaria de Educação do Município (SMED). Gostaram da iniciativa e estiveram sempre presentes, acompanhando o desenvolvimento do projeto até o final do ano. A responsável na Secretaria de Educação do município pelos anos iniciais do Ensino Fundamental colaborou com o projeto, participando da atividade de

encerramento, fazendo a entrega dos Bilhetes Premiados e chocolates, (vestida de “Willy Wonka!”). Os alunos adoraram, pois não esperavam por esta grande confraternização. Com este projeto notei o quanto os alunos ficaram motivados na realização das atividades, resultando em uma melhor aprendizagem e interação entre os mesmos; sentindo-se parte daquela aula, pois aprendiam brincando, através de jogos e dinâmicas de socialização, além de atividades práticas. Percebendo até o fim do ano letivo um grande avanço naquela turma. Sendo assim, foi esta uma preocupação que me fez rever a prática como educador e a razão pela qual escolhi ser professor. Nascendo a vontade de averiguar e discutir mais sobre o tema e a problemática referente ao desejo, interesse, motivação de aprender, de ensinar e suas vicissitudes, decidindo estudar mais a fundo o tema e compartilhar com colegas educadores através deste artigo os resultados encontrados e analisados. No decorrer do artigo foi revisado o conceito de desejo de aprender, o papel do professor em mediar e facilitar a construção do processo criativo pensante, a importância de uma boa equipe de gestão que dê apoio pedagógico, sugestões, estrutura e condições apropriadas para realizar um bom trabalho em sala de aula. Foi analisado o vínculo entre aprendiz e ensinante e o surgimento do desejo de aprender no aluno. Os dados da pesquisa foram coletados em uma escola particular da cidade de Bagé-RS, na qual realizei entrevistas, semi-estruturadas, e observações da realidade vivida diariamente. Relato no decorrer do artigo, a partir da mostra de dados e informações captadas nas entrevistas e observações realizadas, os desafios e iniciativas para fortalecer o desejo de aprender e de ensinar para a construção do processo criativo-pensante dos alunos.

2 | O DESEJO DE APRENDER, DE ENSINAR E SUAS VICISSITUDES

O que move o mundo não são as respostas, mas sim o desejo por aquilo que desconhecemos e queremos descobrir. A partir disso busco significados para palavra desejo e para a palavra aprender. Segundo Freire (1985, p.46), “Perguntar é o início da aprendizagem”. Sua filha Madalena afirma em, (WEFFORT, 2016, p.1) dizendo que: “Não existiria conhecimento sem a pergunta. A pergunta não teria sentido se não houvesse o conhecimento a ser conquistado, produzido”. Para (PEZZINI e SZYMANSKI, 2007, p.21) “A aprendizagem deve partir de perguntas, criando condições de dialogo em sala de aula [...]”. Para ter interesse em aprender e buscar informações sobre algo, precisamos desejar aprender. O desejo de aprender é o principal motivo para aprender. O significado da palavra desejo é segundo Rudel (2007 *apud* PEZZINI e SZYMANSKI, 2007, p.3) “um impulso não satisfeito em tempo que leva ao surgimento de uma tensão – que caracteriza o desejo”. Complementando PEZZINI e SZYMANSKI, 2007, p.3, dizem que: “E sempre que a pessoa pensa no assunto estará criando ou aumentando o desejo de obter tal coisa, levando-o a procurar meios de satisfazer seu desejo”.

1 Personagem dono da Fábrica de Chocolates Wonka, do filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate (2005)”.

Para Madalena Freire “O educador educa a dor da falta. Educa a fome do desejo. O educador educa a falta cognitiva e afetiva para a construção do prazer. É da falta que nasce o desejo”. Que educação seria essa? Acredito que Madalena quis dizer com isso que o professor é um mediador desse desejo, dessa falta. Como ela mesmo diz: “Todo desejo é desejo do outro. É o outro que me impele a desejar [...]” (FREIRE *In*. GROSSI & BORDIN 1993, p.11 *apud* CORRAL, 2005, p.41). Sendo o professor o princípio para o início do desejo do aluno em aprender algo na escola, este organiza e orienta esse desejo, direcionando para uma aprendizagem prazerosa onde haja sentido estudar aquilo que se aprende, fazendo com que o próprio aluno seja sujeito de seu aprendizado, criando suas próprias conclusões e pensamento referente aos debates, pesquisas e conversas realizadas em aula. Os PCNs preveem que:

O papel do professor nesse processo é, portanto, crucial, pois a ele cabe apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e o para quê do que aprendem, e assim desenvolvam expectativas positivas em relação à aprendizagem e sintam-se motivados para o trabalho escolar. Para tanto, é preciso considerar que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses ou habilidades, nem aprendem da mesma maneira, o que muitas vezes exige uma atenção especial por parte do professor a um ou outro aluno, para que todos possam se integrar no processo de aprender (BRASIL, 1997, p.48).

Na construção da aprendizagem, segundo Madalena Freire Weffort (2016), quase sempre buscamos aprender tudo aquilo que nos desperta o interesse e a curiosidade, ou seja, tudo aquilo que julgamos importante e nos falta. O ato de aprender é contínuo, aprendemos sempre, e assim melhoramos nossos conhecimentos. Para isso precisamos levar em conta o papel do professor em mediar e incentivar o processo de aprendizagem através de atividades atrativas e lúdicas, que despertem o desejo dos alunos em aprender, fazendo com que cada um saiba a importância e a utilidade de tudo que lhe é ensinado, para que a sua aprendizagem tenha sentido. Os autores Kaufman e Gonçalves (1988 *apud* SERRA, 2009), acreditam que técnicas como: entrevistas, diálogo, inversão de papéis, utilização de fantoches, dentre outras ajudam a criança a se apropriar com mais facilidade da realidade e do conteúdo dos temas, além de expressar os seus sentimentos em relação aos fatos, pois baseiam-se na capacidade de jogar e inverter papéis. Para Pezzini e Szymanski (2007), atividades que exercitem a expressão oral em que haja interação entre educador e educando são muito importantes para construção da aprendizagem. Bessa (2010), diz que para Madalena Freire, assim como para Paulo Freire, o trabalho em grupo é um instrumento pedagógico para a efetivação de uma educação para a cidadania, pois mostra que um pode ajudar o outro e juntos aprenderem. Afirma Pezzini e Szymanski, que para aprender:

Os alunos precisam ser provocados, para que sintam a necessidade de aprender, e não os professores “despejarem” sobre suas cabeças noções que, aparentemente, não lhes dizem respeito. A forma de apresentar o

conteúdo, portanto, pode agir em sentido contrário, provocando a falta de desejo de aprender que seria, para os alunos, o distanciamento que se coloca entre o conteúdo e a realidade de suas vidas (PEZZINI e SZYMANSKI, 2007, p.3).

Como vimos na citação os alunos precisam ser convencidos da importância de estudar e aprender tal conteúdo. Não aprendemos nada só por aprender. Não são todas as crianças que sabem o porquê de aprender algo. Mudar essa concepção de uma criança e de sua família nem sempre é algo rápido e fácil. Segundo Pezzini e Szymanski (2007, p.20) “A falta de motivação por parte de muitos professores tem como consequência inevitável a desmotivação do aluno”, ou seja, como diz Alicia Fernández (1991, p.116) “[...] é necessário o desejo do outro [...]”, que seria o professor. A forma de agir de alguns professores e a falta de iniciativa acaba desestimulando o desejo de aprender no aluno. Professores pecam muitas vezes quando irritados, sem paciência acabam muitas vezes “podando” seu aluno por estar conversando ou disperso, condenando a conversa como descaso pelo conteúdo ensinado, sem saber realmente do que se trata a conversa ou a causa para esta dispersão.

Se seus alunos conversam, isto é bom. Saiba fazer dessa notável qualidade humana uma “ferramenta” de ensino. Use a conversa do aluno, que é o que ele tem de mais valioso em sua vida, como instrumento para um trabalho pedagógico essencial. Converse com seus alunos e deixe os alunos conversarem entre si. Aprendam a ser um administrador de conversas, expositor de desafios, instigador de perguntas. (ANTUNES, 2013, p.14).

Causando muitas vezes com a proibição da conversa e do diálogo um descontentamento e desinteresse desses alunos pela sua aula. Com isso o aluno muitas vezes perde sua liberdade e não sente-se mais a vontade em sala de aula para expor suas ideias e debater com o professor e seus colegas os conteúdos e matérias ensinadas. O professor poderia ter interferido de outra forma. Ao invés de simplesmente mandar o aluno parar de conversar poderia pedir para expor sua ideia ou conversar com ele em particular fora da sala de aula

Um dos motivos para os alunos não demonstrarem interesse e desejo de aprender está relacionado, segundo Alicia Fernández (1991, p.49) “[...] a instituição educativa que rechace ou desconheça a capacidade intelectual e lúdica. A corporeidade, a criatividade, a linguagem e a liberdade do aprendente [...]”. A escola precisa ter consciência da importância do seu papel na formação de pessoas que irão formar o futuro de nossa sociedade, acreditando sempre na capacidade do aluno e no seu potencial, promovendo e disponibilizando sempre atividades para ampliar seus conhecimentos.

Segundo Tiba (2013, p.151) “O cuidado do professor ao preparar suas aulas deveria ser equivalente ao de um bom cozinheiro esmerando-se na confecção de suas iguarias”. Com base na citação, vemos que o professor é o principal responsável para que os alunos tenham uma boa aula que lhes chamem a atenção, uma aula com “temperos” diferentes que despertem o interesse dos alunos. Nem sempre isso acontece e muitos reflexos

acabam surgindo, sendo um deles o tédio, em que segundo Parrat-Dayan (2012, p.63) “[...] muitos alunos não conseguem se apaixonar pelas atividades que lhes são propostas”. Fernández (1991), diz que a inteligência e o desejo estão totalmente ligados, que para haver inteligência precisa haver aprendizado, para ter aprendizado precisa ter desejo de aprender. Então ela finaliza com a ideia que “a inteligência está submetida ao desejo”.

31 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO CRIATIVO-PENSANTE E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

Considera-se criativo no dicionário, segundo Ferreira (2006, p. 258) “Quem tem a capacidade de criar, de conceber e realizar coisas novas, originais, inventivo, criador: É uma criança muito *criativa, seus desenhos são muito originais*”. Pensante, vem da palavra pensar. Usando o mesmo dicionário, encontramos os seguintes significados para a palavra: “Quem pensa; que faz uso da razão ” e pensar significa: “[...] meditar, refletir [...]” (FERREIRA, 2006, p. 663). Sara Paín (2016) diz que o contrário de fazer os alunos pensarem é fazê-los memorizarem. Defendendo assim o pensar, pois entende que:

[...] memorização não serve de nada, pois mesmo que os conceitos ou fórmulas sejam importantes para a vida das pessoas, elas não terão condições e nem instrumentos para fazer as transferências necessárias. A informação perde o sentido, não se transforma em conhecimento (PAÍN, 2016, p.3).

Para Madalena Freire Weffort (2016, p.1) “O pensar é o eixo da aprendizagem”. Assim como para ela, em Weffort (1997), o pensar envolve duvidar, perguntar, questionar; pois ao pensar, exercitamos operações mentais como: comparar, observar, interpretar, classificar e sintetizar. Sendo assim acredito que é preciso dar condições para que os alunos tenham opinião e iniciativa própria para pensar, criar e aprender. Todavia o professor deve ser um mediador, facilitador no seu processo de aprendizagem. Que segundo os PCNs é:

[...] visto, então, como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais (BRASIL, 1997, p.31).

Com base nas ideias de Madalena Freire e nos PCNs, acredito que os alunos em que o professor só ressalta o erro, acabam desmotivados em ter desejo de aprender, perdendo suas capacidades críticas e pensantes de participar das aulas, sentindo-se muitas vezes incapazes de aprender. Para desenvolver o processo criativo-pensante é necessário, segundo Mendes (1994, p.8) “[...] uma proposta pedagógica que estimule o pensamento crítico, a autoria, a cooperação, politizando o sujeito e permitindo que ele se prepare para ocupar o lugar que lhe compete, por direito na sociedade [...]”. Afirma Sara Paín (2016, p.2) “Crianças continuam entrando e saindo das escolas sem aprender a pensar”. Sendo preciso deixar de realizar a “transmissão mecânica de conteúdos”, para isso ela diz que é preciso dar “condições para as crianças pensarem por si mesmas e aprenderem” fazendo

com isso, que os alunos sejam capazes de pesquisar e construir seu próprio conhecimento. Paín (2016), fala do trabalho que realiza como coordenadora de um projeto², no qual:

A partir da ação das crianças procuramos orientá-las no sentido da construção dos seus próprios conhecimentos, e de maneira a que possam dizer como chegaram a esse conhecimento. Na prática isto significa que nunca trabalhamos com conhecimentos prontos. Ao contrário, os alunos são estimulados a questionar, duvidar e perguntar sempre (PAÍN, 2016, p.3).

Com base no que já discutimos e foi falado por diversos autores como Madalena Freire, Sara Paín, Glória Mendes, dentre muitos outros, digo que pensar criticamente é pensar refletindo antes de agir, para formar sua própria opinião, buscando sempre o melhor, a partir do diálogo e de suas vivências e princípios, não deixando-se levar apenas pela opinião e vontade dos outros.

3.1 O vínculo aprendente-ensinante

Segundo Alicia Fernández (1991, p.47) “Para aprender é necessário dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos”. Sabemos que o aluno é a peça chave da escola, pois sem ele ela não existiria, assim como o professor. Um depende do outro para existir e estar na escola. Não existe escola sem alunos e professores; por isso é importantíssimo o bom vínculo entre professor e aluno para aprender e ensinar. Fernández (1991, p.52) afirma que:

[...] não se transmite, em verdade, conhecimento, mas sinais desse conhecimento para que o sujeito possa, transformando-os, reproduzi-lo. O conhecimento é conhecimento do outro, porque o outro o possui, mas também porque é preciso conhecer o outro, que dizer, pô-lo no lugar do professor (que podem ser os pais ou outras instâncias que vão ensinar) e conhece-lo como tal. Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem autorgamos confiança e direito de ensinar.

Penso que o aluno aprende daquele que criou vínculo e confia. Segundo Paulo Freire (1996, p.12) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. A partir desta frase de Freire e da ideia de Fernández, posso dizer que a aprendizagem é um processo diário em que se cria vínculos e ao mesmo tempo que se ensina; se aprende através das peculiaridades, vivências e diferenças de cada aluno.

Segundo Tiba (2013, p.148) “O professor é analisado por todos os alunos”. Com esta frase, podemos ver que o professor serve de exemplo para o aluno, e ele deve dar o exemplo de bom comportamento e educação, assim como os pais em casa. Sendo o exemplo essencial para convencer alguém sobre algo. Como já vimos, para ensinar o professor precisa dar exemplo também de interesse e motivação para que seus alunos também tenham interesse e desejo de aprender o que ele está ensinando.

² Projeto de educação sistemática, voltado aos alunos das escolas públicas de Mar del Plata e da província de Córdoba, na Argentina. Esse projeto procura oferecer aos alunos a oportunidade de se tornarem autodidatas já na escola primária (PAÍN, 2016, p.1).

Em relação à participação dos alunos em aula, vemos que o professor tem uma função muito importante de motivar estes que perderam o entusiasmo de aprender, dando atenção e cativando os mesmos. Dessa maneira, acredito que seja o começo de um bom vínculo de confiança e respeito entre aprendente-ensinante para despertar o interesse dos discentes em participarem das aulas, conseguindo a atenção para que possam realmente aprender os conteúdos e as matérias trabalhadas, ao contrário de decorar ou tentar colar os conteúdos nas provas porque não aprenderam, com isso:

[...] os alunos dão mais atenção aos professores que deixam claras as regras a serem cumpridas. Eles gostam de professores que explicam bem a matéria, os tratam com carinho, com respeito, os atendam individualmente (na carteira), pois é neste atendimento individual que o aluno cria a coragem necessária para fazer perguntas, que não faria em público, por medo da reação dos colegas (PEZZINI e SZYMANSKI, 2007, p.6).

Não valorizar os avanços dos alunos, quando acerta ou erra uma atividade, assim como a reação e expressão não deve ser a mesma, como se tanto fizesse o aluno acertar ou errar, gerando assim, um motivo para o desinteresse. A felicidade de uma criança quando acerta uma atividade precisa ser valorizada, elogiada e incentivada. Como afirma Fernández (1991, p.60):

Se o educador ensina ou psicopedagogo atende a um paciente que, por fim consegue fazer bem as contas, mas quando o consegue mostra a mesma cara de quando as faz mal, não se avançou nada; ao contrário, corremos o perigo de ter retrocedido, ao sobrecarregar a criança com mais submissão.

Acreditar no aluno e motiva-lo é fazer com que o mesmo tenha uma boa autoestima, em que ele acredite na sua própria capacidade de aprender e evoluir, isso é primordial para que mude suas atitudes, criando vínculos afetivos que facilitaram o processo de aprendizagem. O conhecimento do aluno é muito importante dentro do vínculo aprendente-ensinante. Freire (1996), afirma que devemos respeitar os saberes dos alunos.

Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde (FREIRE, 1996, p.16).

Como foi dito por Paulo Freire podemos partir do aprendizado que o aluno já tem, usando seus desejos e interesses como meio para trabalhar outros conteúdos, abrindo horizontes para ampliar seus conhecimentos.

3.2 A reflexão da prática docente

Segundo Serra (2009), como profissionais da educação e da aprendizagem, sabemos que a nossa formação é um processo contínuo, sem fim, sendo de suma importância a reflexão da prática docente no cotidiano escolar, quando diz:

É bom que o professor também reveja o seu procedimento, pois se analisarmos

o cotidiano de nossa escola, alguns alunos com problemas de aprendizagem não agem de forma inadequada com todos os professores, mas com alguns. Isso nos faz pensar que o problema também pode não estar no aluno nem no professor, mas na relação que os une, que é o conhecimento (SERRA, 2009, p.18-19).

Para Freire (1997, p.22) “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje, ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Tendo em vista sua prática na “formação de formadores”, Jacky Beillerot (1996, *apud* FERNÁNDEZ, 2001, p.29) assinala que “[...] a formação (do professor) relaciona-se com toda a pessoa: suas capacidades conscientes, assim como sua afetividade, seu imaginário e seu inconsciente total, isto é, fantasmas, resistências, inibições, etc”. Sendo a formação de professores um momento para reflexão da prática docente, podendo assim analisar, rever e avaliar suas metodologias para ensinar. Para Pezzini e Szymanski (2007, p.4) “É preciso sempre inovar, para que o aluno mantenha-se interessado”, considerando a tarefa de educar árdua, de luta permanente e contínua pela própria superação, sendo preciso, muitas vezes, parar o trabalho para refletir e questionar-se sobre o que se está fazendo e como se tem trabalhado, destacando quais objetivos foram atingidos e quais ainda não.

4 | METODOLOGIA

A metodologia se situa no paradigma qualitativo, num tipo de pesquisa de campo. Diante dessa realidade analisada, optou-se por utilizar o método de análise segundo Bardin (2006) para tratamento dos dados, o qual se organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. A exploração do material constitui a segunda fase, que consiste numa etapa importante, porque vai possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências. Esta é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase. A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nessa etapa ocorre a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2006). Sendo uma pesquisa descritiva, com levantamento de dados através de entrevistas, observações e conversas informais. Conforme termo assinado pelos participantes analisados na presente pesquisa, é mantendo a ética de não divulgar os nomes dos participantes, dirigindo-se aos mesmos por gestora da escola, professora regente da turma, aluno “A”, “B”, “C” e “D”. A pesquisa foi realizada em uma escola particular, com todos os níveis de ensino, situada na cidade de Bagé-RS,

na qual foi analisado a presença ou ausência do desejo de aprender em quatro alunos, de uma turma, de 5º (quinto) ano do Ensino Fundamental (anos iniciais) indicada pela gestora da escola, alunos com idades entre nove e dez anos, pré-classificados pela professora regente, com e sem desejo de aprender.

Foi analisado o papel da professora regente da turma e da gestora da escola neste processo, sendo realizado para coleta de dados: entrevistas individuais semi-estruturadas, com a gestora da escola, a professora regente da turma e os quatro alunos. As entrevistas foram transcritas no ato das respostas. Além disso, foram realizadas, observações da rotina diária em sala de aula e na escola, e conversas informais para coleta de dados e informações. Onde foi averiguado e apontado dentro do dia-a-dia da prática docente na escola, como surge o desejo de aprender e o seu papel para a construção do processo criativo-pensante; a presença ou ausência do desejo de aprender nos alunos em estudo e suas vicissitudes; caracterizando a função do professor e da escola para a construção da aprendizagem do aluno e o vínculo entre os mesmos. Percebendo a existência ou não de reflexão da prática docente, como momento de rever e mudar atividades e metodologias de ensino para tornar as aulas mais atrativas. Com base nos dados coletados e analisados segue abaixo os resultados.

4.1 Análise e discussão dos dados

4.1.1 *A realidade sobre o desejo de aprender e de ensinar no dia-a-dia de uma escola*

A análise realizada durante a pesquisa em uma escola particular, que atende em sua maioria alunos de classe média, situada na cidade de Bagé, abordou alunos do 5º (quinto) ano do Ensino Fundamental, sua professora e a equipe gestora. Feitas as entrevistas e analisadas as respostas, começa-se destacando que ao questionar a professora regente da turma, sobre o que ela entendia por aluno sem vontade e desejo de aprender, ela afirma: *“Acredito que com o avanço tecnológico e os brinquedos interativos, as crianças têm deixado o interesse pelos estudos em segundo plano”*. Concordo com ela que muitas vezes as crianças preferem muito mais os brinquedos interativos e as novas tecnologias ao estudo, pois é mais prazeroso. Porém, digo que ela poderia aliar as novas tecnologias e os brinquedos as suas aulas para torná-las mais atrativas e desta forma os alunos desejarem aprender o que é ensinado.

Foi solicitado à professora que falasse 5 (cinco) características dos alunos classificados por ela sem interesse e desejo de aprender. Ela citou: *“desinteresse, apatia, baixo rendimento, conversa excessiva e não cumprimento de regras”*. Depois foi pedido que dissesse 5 (cinco) características dos alunos considerados por ela com desejo e interesse de aprender, ela citou que são: *“alunos participativos, autônomos, interessados e a família participa da vida escolar”*. As características dos alunos classificados em sem vontade e

desejo de aprender, estariam totalmente relacionadas no que diz Mendes (1994, p.43) “A falta de disciplina estaria ligada à falta de interesse e motivação”, ou seja, o “*desinteresse*” e o “*não cumprimento de regras*” que a professora falou. Na escola contemporânea temos muitas dúvidas referentes ao que seria uma turma disciplinada. Conforme Serra (2009), a indisciplina é a contradição entre a atividade proposta e o comportamento do aluno.

Os alunos, por sua vez, mais do que obedecer e se conformar com as regras estabelecidas, devido ao receio de punições e ameaças (nota baixa, advertência para os pais assinarem, suspensão das aulas etc.), precisa ter a oportunidade de conhecer (e até discutir) as intenções que as originaram, assim como as consequências caso sejam infringidas (vimos à importância da linguagem na constituição psicológica). Nesse sentido, o papel de mediador do professor é de fundamental importância. (REGO, 1996, p.99).

Ao questionar os alunos analisados, escolhidos pela professora regente entrevistada, todos afirmaram que tinham desejo e interesse em aprender; ressaltando que querem aprender coisas novas, divergindo com a classificação feita pela professora. Para Fernández (1991, p.51) “Quando nasce, o bebê é um feixe de possibilidades, de ferramentas que são capazes de atrair, de captar o conhecimento que tem que ser transmitido e reconstruído nele”. Afirmando assim que todos nós nascemos com a capacidade de pensar, aprender, necessitando apenas de estímulos para isso. Metade dos alunos entrevistados e analisados foram classificados pela professora como alunos sem vontade e desejo de aprender por suas atitudes em aula. Mas como já foi dito nos resultados das entrevistas, todos afirmaram que têm desejo e vontade de aprender. Para Parrat-Dayan (2012, p.67) “O julgamento negativo que um professor pode manifestar por um aluno faz com que ele se sinta desvalorizado e isso pode provocar indisciplina ou tédio na escola”. Ou seja, a professora ao rotular seus alunos em sem vontade e desejo de aprender estava desacreditando no potencial de cada um, dando oportunidade para que eles gerassem indisciplina, que ela citou como o “*não cumprimento de regras*”, e tédio em suas aulas.

Nas próximas perguntas das entrevistas questiono cada aluno a respeito de suas atitudes em sala de aula e como considera que seja seu comportamento. Todos afirmaram que no geral seu comportamento é bom, que gostam de ajudar os colegas com dificuldades, porém reconheceram que às vezes conversam demais, atrapalhando com isso a professora. Os alunos classificados como alunos com vontade e desejo de aprender, justificaram a conversa por já terem feito tudo que a professora solicitou e quererem ajudar os colegas que não estavam conseguindo realizar a atividade. Já o aluno “A” classificado como sem interesse e desejo de aprender, disse: “*Conversava em aula para chamar atenção da professora, pois estava triste com a separação dos meus pais*”.

Para Mendes (1994, p.24) “A criança que não é olhada não pode sentir o desejo de aprender, porque não sente o desejo do professor em ensinar”. Complementa Parrat-Dayan (2012, p.110) “A relação aluno/professor inscreve-se numa dimensão afetiva”. Com base nisso, acredito que devemos olhar para os alunos, observar se estão bem

fisicamente e mentalmente, sem problemas em casa e de relacionamento com colegas, para que não aconteçam fatores que prejudique sua aprendizagem. Acredito que é preciso acompanhar cada um em sua carteira para poder saber se o mesmo está com dificuldade de aprendizado, fazendo com que ele sintasse acolhido pelo professor e tenha liberdade de expor seus pensamentos. Ao questionar a professora e os alunos sobre o relacionamento deles em aula, todos afirmaram que no geral era bom, que não tinham problemas. Para um bom relacionamento entre o professor e seus alunos é preciso seguir alguns requisitos. Conforme Tiba (2013, p.152) “Os requisitos para um professor ser amado são combinar senso de humor e movimentação cênica: falar não só com a boca, mas com o corpo inteiro; saber estabelecer o limite entre o adequado e o inadequado; saber exigir quando necessário”. Para o aluno “A” a professora apresenta as seguintes características: -“Ela é boa, engraçada, dá importância e valor para a gente”. Afirmando tudo o que os pensadores como Tiba, Freire e Bessa dizem, considero essencial acreditar nos alunos e dá valor para eles, pois isto é um grande incentivo, que muitas vezes não encontram em casa. A maioria dos alunos quando questionados sobre suas atitudes e seus comportamentos em aula, condenam a conversa em aula como sendo uma atitude ruim, pois a professora não gostava e chamava a atenção deles. Ao questionar o aluno “B”, considerado sem desejo de aprender pela professora, ele falou que às vezes conversava demais em aula por estar “entediado” com a matéria e com as atividades que se repetiam demais. Surge assim dois assuntos importantes em aula um deles é a conversa, que é importante, porém afirmo que o professor precisa saber mediá-la e o outro assunto importante levantado pelos alunos é o “entediamento” pela matéria, significando que a mesma não estaria sendo atrativa para ele. Conforme Parrat-Dayan (2012), este “tédio”, citado pelo aluno “B” é gerado pela falta de “paixão” pelas atividades que a professora lhe oferece.

Acredito que esse “tédio” surja por diversos motivos, sendo um deles o modo como o ensino é transmitido. Segundo Pezzini e Szymanski (2007), se o professor banir a conversa de suas aulas, a troca de ideias, o diálogo, enfim, a oralidade, desse modo estará deixando o aluno com pouca ou nenhuma participação nas aulas, ficando mesmo sem entender do que o professor está falando. Se isto realmente estava acontecendo, digo que a professora estava errando, pois, o aluno disse que tem desejo em aprender. Então digo que talvez ele não esteja querendo aprender por não estar tendo espaço para o diálogo e a troca de ideias, não vendo sentido em aprender o que a professora ensina. Os alunos na maioria das vezes ficam entediados e enjoados de passar toda a aula copiando do quadro, lendo e ouvindo a professora, quando explica a matéria; sem muitas vezes poderem conversar e expor suas ideias, sob pena de ser advertido pela professora, não achando nada atraente para despertar seu interesse e desejo de aprender

Segundo Antunes (2013), a conversa entre os alunos é algo bom, precisando apenas saber fazer dessa qualidade humana uma “ferramenta” de ensino, necessitando o professor aprender a ser um administrador de conversas, expositor de desafios, instigador

de perguntas. Içami Tiba fala sobre o processo de administrar o grupo que o professor precisa exercer, dizendo: “Como coordenador de grupo, ele tem uma autoridade a ser exercida, que inclusive é esperada pelos alunos. Na falta dela, se deixar tudo por conta dos estudantes, a classe se dispersa”(TIBA, 2013, p.152).

Ao observar os alunos entrevistados em aula, percebi o que diz Tiba (2013), que os alunos muitas vezes bagunçam ou se dispersam esperando que o professor tome uma atitude, fazendo tipo de uma testagem. A professora entrevistada, durante as observações realizadas de suas aulas, foi notado que sempre era exigido silêncio quando se explicava a matéria, mas após sempre abria espaço para um aluno por vez questionar e perguntar o que não tinha entendido. Segundo Paulo Freire, apud Pezzini e Szymanski (2007, p.6) “Perguntar é o início da aprendizagem”. Com base nas definições entendo que o processo criativo-pensante está presente na construção da aprendizagem, quando o aluno, aprendente, tem espaço para perguntar, questionar, pensar, refletir, expor suas ideias, vivências, gostos e desejos. Portanto, para que o aluno tenha desejo de aprender, ele precisa ser incentivado pelo professor. Segundo Bessa (2010, p.77) “A criança precisa acreditar em si para melhorar a imagem que ela tem dela mesma. Dessa forma, quando há incentivo, as pessoas se sentem capazes e essa capacidade deve ser estimulada a todo o momento”.

Com base nas entrevistas e nas observações digo que o diálogo e o lúdico em sala de aula são muito importantes para que se possa haver desejo de aprender. Os alunos ao serem questionados sobre que tipo de atividades mais lhe chamava a atenção e despertava seu interesse em participar, citaram jogos e atividades práticas como: *“bingo, aulas passeio e gincanas”*, dentre outros, mostrando com isso, a importância que os jogos e o brincar têm para os alunos. Concordo com Parolin (2005, p.141) quando afirma que: “O brincar é coisa séria e deve ser encarado dessa forma pelos educadores de um modo geral”, defendendo assim a importância do lúdico e do jogo em sala de aula. Bessa (2010, p.54) complementa dizendo que: “ [...] jogando, a criança tem acesso à realidade social e à compreensão das regras. Dessa forma, Piaget considera a atividade lúdica como berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa “. Devemos fazer do jogo um instrumento para ensinar, despertando o lúdico e a criatividade da criança possibilitando que construa seu próprio conhecimento. Para Parrat-Dayan (2012, p.63) “O poder de pensar e fazer conexões com outras áreas do saber e no interior da própria disciplina envolve a criatividade do aluno e pode levá-lo a se apaixonar pelo que está estudando”, sendo o jogo um meio de trabalhar a auto disciplina, a criatividade e o pensar do aluno para que tenha vontade e desejo aprender o que a professora estava a lhe ensinar. Ao perguntar à professora que tipo de atividades ela realizava para despertar o desejo e o interesse de aprender de seus alunos, ela citou: -*“Atividades de incentivo à leitura, amigo literário, vídeos relacionados ao conteúdo, tentando com isso, aproximar os conteúdos à realidade”*. A partir destas respostas e das observações realizadas em aula;

notei a falta daquilo que os alunos desejavam que tivesse nas aulas e que para Piaget considera indispensável à prática docente que é o brincar, ou seja, o lúdico em sala de aula, para se pensar e construir seu próprio aprendizado.

4.1.2 O papel da escola e as iniciativas da equipe de gestão para a aprendizagem

Destaco que na entrevista realizada com a gestora da escola, quando perguntado se na sua escola tinham alunos sem interesse e desejo de aprender, a mesma disse: -“Não”. Confirmando o que os alunos disseram, pois todos relataram que desejam aprender. Desta maneira percebi que esta não realiza rótulos nos alunos como a professora fez. Dando continuidade na entrevista, ela segue dizendo: -“Entendo que esta falta de desejo e vontade de aprender seja imaturidade, principalmente nos meninos, e em outros alunos uma dificuldade de aprendizagem”. Isabel Parolin (2005), fala sobre maturidade para se aprender, e afirma que: “Aprender, portanto é tarefa complexa e requer autonomia, intencionalidade, maturidade, além de um contexto socioafetivo a essa empreitada” (PAROLIN, 2005, p.57).

Ao questionar a equipe de gestão sobre que iniciativas a escola estava adotando para motivar seus alunos em aprender, a gestora da escola destacou duas iniciativas da escola para os alunos: -“Estamos realizando o projeto *Conquistando o Topo*, que visa incentivar os alunos a se esforçarem em terem um melhor desempenho na escola, entregando ao final de cada trimestre um diploma e uma medalha parabenizando os alunos que tiveram média trimestral entre 9 (nove) e 10 (dez). Além desse projeto anual temos o *Concurso de Poemas da escola* que proporciona durante as aulas que os alunos criem poemas e possam apresentá-los depois, recebendo premiações os que forem melhores avaliados, pela equipe julgadora. Com esse projeto objetivamos incentivar a escrita, a leitura e a criatividade dos alunos, além de trabalhar a oralidade e desinibição durante a apresentação dos mesmos para toda a comunidade escolar”. Nos PCNs já esta previsto que:

A qualidade da atuação da escola não pode depender somente da vontade de um ou outro professor. É preciso a participação conjunta dos profissionais (orientadores, supervisores, professores polivalentes e especialistas) para tomada de decisões sobre aspectos da prática didática, bem como sua execução. Essas decisões serão necessariamente diferenciadas de escola para escola, pois dependem do ambiente local e da formação dos professores (BRASIL, 1997, p.68).

Segundo Sara Paín (2016, p.4) “A escola precisa fazer um recorte consciente do que considera fundamental e trabalhar para despertar, em seus alunos, a curiosidade e o prazer de aprender”. Como vimos a escola vem realizando iniciativas para motivar seus alunos e isso é muito importante. Ao observar os alunos com relação aos projetos desenvolvidos pela escola, notei que eles gostavam daquelas iniciativas, que o projeto “Conquistando o Topo”, não gerava exclusão por premiar somente aqueles que tivessem média trimestral

acima de 9 (nove), mas sim motivava os quem não obteve essa média a se esforçar no próximo trimestre. Com relação ao “Concurso de Poemas”, durante o período que estive observando e acompanhando a turma analisada, percebi que com aquele projeto existia uma oportunidade e um motivo, ou seja, uma razão para se pensar, refletir e criar um poema. Ao ler alguns dos poemas, percebi criatividade e o lúdico presente naqueles alunos. Com relação ao relacionamento das famílias com a escola, a gestora afirmou: -*“Com os alunos é tranquilo. Com os pais a maioria não aceita a dificuldade de aprendizagem do filho(a). Colocando toda a responsabilidade de motivar e ensinar para a escola. Deixando muitas vezes de acompanhar os estudos e procurar atendimento com especialistas”*. Para Mendes (1994, p.7) “Pais, professores e alunos reclamam que a escola não está funcionando bem e que as coisas têm que ser mudadas. Entretanto, o interesse desta discussão é que cada um pensa que o outro é culpado, e ninguém consegue chegar à raiz do problema, porque não há entendimento”. Conforme Pezzini e Szymanski (2007, p.7), para haver este entendimento: “[...] a escola precisa incentivar a participação dos pais trazendo-os para dentro dos problemas, incluindo-os nas discussões, apontando-lhes caminhos, fazendo-os sentirem-se parte ativa neste mundo que, muitas vezes, lhes é totalmente estranho”. Acredito que a escola para ter um bom relacionamento com as famílias precisa ser aliada caminhando sempre junto e dialogando, pois, uma é continuação da outra e ambas buscam o mesmo objetivo que é a construção da aprendizagem do aluno.

Não podemos esquecer que para os professores despertarem o desejo de aprender em seus alunos, estes precisam estar motivados em ensinar, tendo apoio da equipe de gestão da escola, dando-lhes suporte, materiais, sugestões, formações, orientações e acompanhamento pedagógico no planejamento e aplicação de suas aulas. Ao perguntar à professora sua opinião sobre os projetos e iniciativas da escola, ela destacou que gosta dos projetos, pois: -*“o Conquistando o Topo, serve de ferramenta para nós motivarmos os alunos a se esforçarem mais, não se contentando apenas com a média 7 (sete). Já o Concurso de Poemas, é ótimo para trabalharmos a escrita, pois muitos alunos não gostam de escrever e produzir textos, mas com o Concurso eles escrevem poemas para poderem participar. Sugerir temas que estamos trabalhando em outras matérias como os planetas e o meio ambiente para escreverem seus poemas, interligando as disciplinas e com isso posso observar quais são as dificuldades na escrita de cada um. Podendo com isso adequar meu planejamento conforme as necessidades deles”*.

Na pergunta feita a professora se ela refletia sobre sua prática docente e se a escola lhe proporcionava momentos para isso, ela disse: -*“Sim, reflito sobre minha prática sempre que vou planejar e a escola nos proporciona 1 (uma) hora livre para atividade na escola, na qual ficamos elaborando e organizando nossos planejamentos, além de todas as sextas-feiras depois das aulas termos reunião entre a equipe de gestão e os professores, para organizar e debater nossos planejamentos”*. Não são todas as escolas que proporcionam essa troca enriquecedora. Afirmando a importância dessa iniciativa, diz Bessa (2010,

p.178) “[...] a escola também contribui para que seus professores não deem continuidade à sua formação, já que ocupa todo o seu tempo de trabalho com aulas. Não há nenhum dia ou horário reservado para realização de grupos de estudo e pesquisa”.

Na LBD, art. 67, inciso V, está previsto “ o período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga horária de trabalho”. Já a reunião semanal com os professores do turno da tarde, citada na entrevista é realmente algo que não consta como obrigação da escola em proporcionar, mas considero muito importante para debater e refletir com os colegas práticas e planejamentos. Além disso, observei na escola que a equipe de gestão estava sempre à disposição dos professores, passando nas aulas para acompanhar o desenvolvimento das mesmas. Nas reuniões semanais davam espaço para os professores exporem suas angústias e sugestões para a escola, sendo algo ótimo para a reflexão e mudança da prática docente. Existia na escola a disposição dos professores um computador, para que naquele momento de reflexão de sua prática pudessem buscar coisas novas na internet para aprimorar seu planejamento, sendo esta mais uma iniciativa importante por parte da escola para que seus professores estivessem motivados, refletindo e procurando conhecimentos novos para aprimorar suas práticas em sala de aula. Segundo Pezzini e Szymasnsky (2007, p.12) “Ensinar é mesmo uma tarefa de totalidade, que exige paixão pelo que se ensina”. Destacando que é preciso saber ouvir, dividir o que sabe, buscando continuamente pela inovação. Não podemos parar no tempo achando que já sabemos tudo, cada dia é um novo aprendizado a ser adquirido.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para aprender é preciso vários fatores internos e externos relacionados à escola, destaca-se a motivação, que em sala de aula precisa partir do professor através da maneira como se dirige a seus alunos, além do seu planejamento como já foi dito que deve conter atividades atrativas e diferentes do comum para despertar o interesse e o desejo de aprender dos alunos; sendo preciso o professor estar motivado para motivar seus alunos. Nessa relação surge um vínculo de admiração e confiança entre o ensinante e o aprendente, próprio para aprender e para ensinar. Ao ensinar o professor também aprende, tornando assim a reflexão da prática docente, algo indispensável para aprimorar seus conhecimentos e metodologias em sala de aula. A partir da criação de um vínculo com o aluno, dos diagnósticos da turma; das sugestões e interesses dos alunos em aprender, o professor já pode dar início ao seu planejamento e projetos, sendo ele o norteador da aula, dando oportunidade e sabendo ouvir as sugestões de seus alunos para que também seja ouvido quando ensina.

Com a pesquisa pude compreender de maneira mais profunda o significado e a relação que o desejo tem, no sentido de mover a criatividade e por consequência a capacidade pensante, para que o aluno possa construir seus próprios conceitos e aprendizado. Para

tanto, o professor precisa ser um mediador ou facilitador desse processo, acreditando sempre na capacidade e no potencial de seus alunos, não cometendo a precipitação de confundir a falta de desejo de aprender com indisciplina. Para isso é necessário contar com o apoio da equipe diretiva da escola e das famílias, para darem suporte e apoio aos professores, que muitas vezes são julgados como os únicos culpados pelo fracasso escolar de seus alunos, sem levar em conta o papel da família e das equipes gestoras. Sem a união de todas estas partes nossa educação sempre encontrará muitos desafios e com eles surgirão muitos reflexos negativos como: falta de motivação, descaso pelo estudo, indisciplina escolar, dentre outros.

Por essa razão, considero que o ato de aprender acontece quando ele vê sentido no que está aprendendo. Para ter sentido, quem aprende precisa ser convencido da importância do que lhe é ensinado, tendo cada sujeito, um tempo diferente para construir este conceito, sendo preciso respeitar suas limitações e capacidades. Evidenciando que o ato de aprender é único e individual, chamo atenção para as escolas que promovam atividades que provoquem e instiguem seus alunos a desenvolverem suas habilidades e atitudes de uma forma crítica e reflexiva para o exercício da cidadania.

Assim, compreendo que é necessário cada aluno ser sujeito do seu próprio aprendizado, recebendo estímulos e incentivos; mas acima de tudo tendo consciência e sabendo o que precisa fazer para que isso aconteça, sendo essa a maneira como se constrói e se estabelece a aprendizagem no sujeito que aprende. O desejo que ao estar inibido ou instigado interfere nas atitudes e na construção da aprendizagem do educando. Entendo que a aprendizagem depende do desejo para acontecer, ou seja, como diz Alicia Fernández (1991, p.67) ‘A inteligência submetida ao desejo’.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula**. 10. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

BESSA, Valéria da Hora. / **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A. , 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 maio. 2016.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Ensino de primeira à quarta série. I. Título.

CORRAL, Cláudia M. **Modalidade de Aprendizagem: O sintoma para além da significação**. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Universidad Nacional de Rosário. Argentina, 2005.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: ArtMed, 1991.

_____. **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. – Curitiba: Positivo, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KAUFMAN, A. e GONÇALVES, C. S. “**Psicodrama com Crianças**”, 1988. *In*: SERRA, Dayse Carla Gênero. / **Teorias e Práticas da Psicopedagogia Institucional**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

MENDES, Glória. **O Desejo de conhecer e o Conhecer do Desejo Mitos de Quem Ensina e de Quem Aprende**. Glória Mendes. Porto Alegre: Artes Medicas, 1994.

PAÍN, Sara. “**Educar é Ensinar a Pensar**”. Disponível em: <<http://www.adolescencia-fl.net/pain1.pdf>>. Acessado em: 21 de maio. 2016.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, à escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2005 – (Série práticas educativas).

PARRAT- DAYAN, Sílvia. Trad. Sílvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2. ed., 1ª Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

PEZZINI, Clenilda Cazarin e SZYMANSKI, Maria Lídia Sica. **Por onde andar o desejo de aprender dos alunos?**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-4.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

REGO, Teresa Cristina R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**, 1996. *In*: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. / 16. Ed. – São Paulo: Summus, 1996.

RUDEL, Douglas. **Dicionário de psicologia prática**, 2007. *In*: PEZZINI, Clenilda Cazarin, SZYMANSKI, Maria Lídia Sica. **Por onde anda o desejo de aprender dos alunos?**. Cascavel: Ed. Edunioeste, 2007. p.3.

SERRA, Dayse Carla Gênero. / **Teorias e Práticas da Psicopedagogia Institucional**. / Dayse Carla Gênero Serra. – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

SILVA, Lais Nunes da. et al. **Manual de trabalhos acadêmicos e científicos da UERGS: orientações práticas à comunidade universitária da UERGS** / Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UERGS, 2013.

TIBA, Içami. **Disciplina: Limite na medida certa** / Içami Tiba. – São Paulo: Integrare Editora, 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar: Fundamentos para o trabalho docente**. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2009 – (Coleção Docência em Formação. Série Problemáticas Transversais).

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro, Reflexão: Instrumentos psicológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico. 1997.

_____. **Pensar, Aprender, Conhecer**. Disponível em: <<http://www.ntesm.rs.gov.br/madalena.htm>>. Acesso em: 05 maio. 2016.

A

Aluno com deficiência 158, 159, 161, 168

Aprendizagem 26, 27, 32, 33, 45, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 59, 60, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 186, 189, 190, 191, 193, 195, 196, 197, 198, 201, 202, 203, 206, 207, 209, 210, 213, 214, 215, 224, 225, 226, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 260, 262, 264

Aprendizagem criativa 52, 53, 54, 55, 59, 60, 63

Aprendizagem significativa 32, 45, 49, 51, 198

Arte Brasileira 216

Atividades físicas 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 36

B

Bebês 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22

Bibliocientífica 194, 195

Braille 182, 183, 184, 185, 188, 190, 193

Brincar 21, 29, 35, 65, 68, 102, 114, 115, 233, 234, 235, 236, 240, 241, 242, 243, 244

C

Cidadania 6, 9, 11, 12, 13, 45, 46, 47, 105, 118, 138, 160, 186, 254

Cohesión social 145, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 156

Competencias informacionales 169, 170, 172, 180

Comprensión lectura 169

Comunicação 11, 26, 33, 52, 54, 56, 62, 69, 134, 184, 195, 196, 197, 199, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 215, 230, 241, 249, 250, 253, 260, 261

Concepciones 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44

Confronto pedagógico 245

Criatividade 53, 55, 56, 60, 103, 106, 114, 115, 116, 117, 139, 196, 203, 234, 235, 241, 242, 243

Currículo 62, 79, 83, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 121, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 138, 140, 141, 166, 167, 245, 248, 252, 253, 260

D

Democracia 1, 2, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 135

Desenvolvimento infantil 233, 234, 237, 243

Didática 67, 95, 115, 143, 203, 215, 232, 247, 248

Dispositivos de poder 83

Docência do ensino superior 95

Docentes 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 62, 92, 93, 124, 138, 140, 146, 153, 155, 169, 170, 172, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 190, 198, 205, 206, 248, 250, 254, 256, 258, 259

E

Educação 1, 2, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 48, 50, 51, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 108, 109, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 141, 143, 144, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 196, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 212, 214, 215, 224, 230, 232, 233, 235, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 251, 253, 254, 260, 261, 262, 263, 264

Educação inclusiva 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 182, 183, 184, 186, 191, 192, 193, 244

Educação infantil 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 233, 235, 241, 242, 243, 244

Educación virtual 145, 146, 151

Ensino 13, 14, 19, 24, 32, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 78, 79, 80, 81, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 106, 110, 111, 113, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 224, 225, 226, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 260, 262, 263, 264

Ensino de Biologia 225, 231

Ensino de Filosofia 121, 122, 126, 127, 130, 138, 142, 143

Ensino de Matemática 192, 204, 263

Ensino médio 14, 45, 46, 48, 50, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 203, 215, 224, 225, 226, 229, 232, 238

Estratégia pedagógica 194, 198, 199

Estrategias búsqueda 169

F

Ferramenta pedagógica 194, 199, 202, 203

Formação 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 19, 46, 48, 50, 52, 55, 64, 65, 67, 68, 78, 80, 91, 97, 99, 100, 106, 109, 110, 115, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 160, 167, 183, 184, 189, 190, 191, 205, 215, 231, 237, 241, 242, 243, 246, 247, 248, 251, 253, 254, 260, 261, 262, 263, 264

Formación continua 37

Foucault 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 93

G

Gestão democrática 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

H

História da educação 122, 158, 159

I

Inclusão 11, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 191, 192, 193, 244

Industrialização 72, 74

Instagram 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Interdisciplinaridade 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 128

Intergeracionalidade 24, 32

J

Juventude 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 124, 127

L

Letramento sensorial 15

Livros infantis 15, 22

M

Mamíferos 225

Maria Martins 216, 217, 218, 219, 222, 223

Matemática 79, 124, 127, 130, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 263, 264

Mediação 47, 133, 167, 182, 190, 191, 193, 202, 203, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 254, 255, 258, 259, 260, 261, 262

Metodologias ativas 52, 53, 55, 63, 94, 96, 215

N

Narrativas 15, 40, 52, 53, 54, 55, 60, 61, 62, 63, 65, 198, 263

Naturaleza de la ciencia y tecnología 37, 39

Neoliberalismo 12, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 132

P

Papel do Estado 72

Participação escolar 1

Pegadas 224, 225, 227, 228, 229, 230

Pessoas idosas 24, 27, 33, 34, 35

Prática docente 55, 95, 102, 103, 109, 110, 111, 115, 116, 117, 140, 182, 224, 229, 246

Prática pedagógica 45, 46, 198, 214

Q

Qualidade de vida 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36

R

Rede social 194, 197, 198, 199

Reflexão 2, 3, 9, 11, 17, 18, 32, 35, 49, 60, 68, 69, 70, 72, 74, 98, 103, 109, 110, 111, 117, 120, 124, 125, 127, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 160, 166, 191, 230, 231, 241, 244, 246, 247, 256, 257, 258, 261

Reforma curricular 121, 122, 127

Reino animal 225, 226, 232

S

Scratch 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 63

Sistema de educação de qualidade 72, 74, 77

Soroban 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 192

Surrealismo 216, 217, 220, 221, 222, 223

T

TIC 170, 175, 180, 204

Trabalho docente 83, 85, 89, 92, 120, 141

W

WhatsApp 204, 205, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 3

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2022

Vol 3